

Teatro

2, 3, 4, 6, 7 e 8 Outubro '08

# A Resistível Ascensão de Arturo Ui

De Bertolt Brecht

Um espectáculo da Truta

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Título original** *Der aufhaltsame Aufstieg des Arturo Ui* (1941)\* **Direcção** Joaquim Horta  
**Tradução** José Maria Vieira Mendes **Cenografia e figurinos** Marta Carreiras  
**Desenho de luz** Daniel Worm D'Assumpção **Música original** Filipe Melo **Gravada por** Otto Pereira, António Jorge Nogueira (violinos), Sandra Raposo (viola d'arco), Carlos Jorge Nogueira (violoncelo), Filipe Melo (piano), Bruno Pedroso (percussão)  
**Interpretação** Carlos Alves, Duarte Guimarães, Gonçalo Amorim, Joaquim Horta, Paula Diogo, Pedro Martinez, Raul Oliveira, Rúben Tiago, Sílvia D. Filipe, Tónan Quito  
**Maquilhagem** Jorge Bragada (Face Off) **Produção** Henrique Figueiredo, Patrícia Costa  
**Uma co-produção** Truta/Culturgest **Projecto financiado pelo** Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes **Agradecimentos** Centro Cultural de Belém, Walter Teerling, Soazilope, Lda., Teatro Meridional

\* Os direitos de representação são propriedade de Suhrkamp Verlag

**Qui 2, Sex 3, Sáb 4, Seg 6, Ter 7, Qua 8 de Outubro**  
**Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 2h00 · M12**

## O Espectáculo

1.

*(...) a democracia é um sistema no qual as pessoas são espectadores, e não actores. A intervalos regulares, têm o direito de colocar um boletim na urna, de escolher alguém dentro da classe dos chefes para os dirigir. Depois, espera-se que voltem para casa e tratem dos seus assuntos, consomam, vejam televisão, cozinhem e, acima de tudo, não incomodem. É isso a democracia.*

Noam Chomsky

*The only thing necessary for evil to flourish is for good men to do nothing.*

Edmund Burke

Criámos a Truta como um espaço onde pudéssemos escolher os nossos desafios. Não nos afirmamos por este ou aquele teatro, acreditamos num percurso não hermético, que nos permita crescer artisticamente correndo riscos, sem condicionalidades artísticas nem filiações estéticas, procurando um teatro que se assume contaminado pela ilusão e pela teatralidade.

No nosso último trabalho, *Da Felicidade*, propusemos como desafio criar um espectáculo a partir de um tema e desenvolver todo o trabalho necessário – da escrita à interpretação. Arriscámos áreas onde não éramos propriamente experientes e esse foi o desafio.

Agora, e com esta experiência acumulada, decidimos adoptar um processo diferente, debruçarmo-nos sobre um

texto já escrito para teatro e de reconhecida qualidade: um clássico.

E, em vez de uma encenação colectiva, centrar essa função numa pessoa, o que obviamente não invalida a discussão colectiva com que nos acostumámos a trabalhar, mas responde a um desejo de mudar as regras do jogo e à vontade de alguns em assumir esse papel.

Na peça que escolhemos para inaugurar o nosso percurso, *A Força do Hábito*, o protagonista repeta constantemente: "Amanhã Augsburg!" Óbvio referência a B. Brecht e a um teatro político. Passados estes anos, entendemos que é a altura de nos debruçarmos sobre Brecht e sobre a sua validade nos dias de hoje.

Decidimo-nos pela peça *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*. Uma história de gangsters de Chicago num ambiente de filme negro. Este texto serve-nos de inspiração para criar um espectáculo de vilões e de homens honestos que são passíveis de corrupção. Homens e mulheres que mostram o alcance da tirania.

*A Resistível Ascensão de Arturo Ui* é uma paródia trágica inspirada em Hitler e escrita durante o exílio de Brecht em 1941, na Finlândia. Usando como pano de fundo Al Capone e as guerras entre gangsters, o autor fala metaforicamente da ascensão do nazismo, reproduzindo a tomada de poder e a anexação da Áustria. Criminosos de guerra como Goebbels, Göring e Röhm são facilmente identificáveis. Brecht também aproveita para falar do mundo egoísta do capitalismo e da sociedade que o mantém.

A nossa escolha justifica-se em primeiro lugar pela empatia com o texto, com as histórias de gangsters e pela

proximidade com o universo dos filmes negros e da BD.

Depois, porque Brecht é um dos grandes autores de textos dramáticos e esse é também um desafio no qual nos queríamos aventurar.

Finalmente, acreditamos que a peça se mantém actual, porque nos permite questionar os discursos políticos e o distanciamento dos cidadãos em relação à política.

Todos pertencemos a uma geração acusada de não ter posições políticas e ter pouca vontade revolucionária. Queremos mostrar que a revolução quotidiana passa pela forma e conteúdo que temos no nosso teatro. Não temos objectivos partidários.

De Brecht interessa-nos o papel sócio-político do teatro, mas sem uma perspectiva didáctica. Do teatro épico interessa-nos: o homem como objecto de investigação; que o espectador reflita criticamente, através dos mecanismos da distanciação; cada cena valer por si; o conceito de montagem; os saltos na narrativa.

Reunimos um elenco que nos entusiasma, gente com quem queremos trabalhar mais uma vez e elementos exteriores à Truta que vieram dinamizar e enriquecer este projecto.

2.

Como reunir um grupo de 10 actores em torno de um texto de Brecht  
Como trabalhar um autor já tão feito e sobre o qual existem tantas teorias e expectativas  
Como abordar sem preconceitos, tentando libertar-nos de tudo isso  
Acusámos o peso dessa responsabilidade

10 actores perdidos em discussões muito pouco consensuais sobre Brecht, sobre o texto, sobre o espectáculo que cada um desejava

Porque acreditamos que o teatro é um espaço onde se pensa em conjunto  
Foi com esta convicção que passámos à prática do texto e curiosamente esta prática veio invalidar algumas das nossas discussões

Passámos a pensar o texto na cena, na prática, e tudo passou a ser muito mais consensual  
Libertámo-nos do peso de Brecht e apoderámo-nos do texto para contar esta história da forma como a pensamos em conjunto

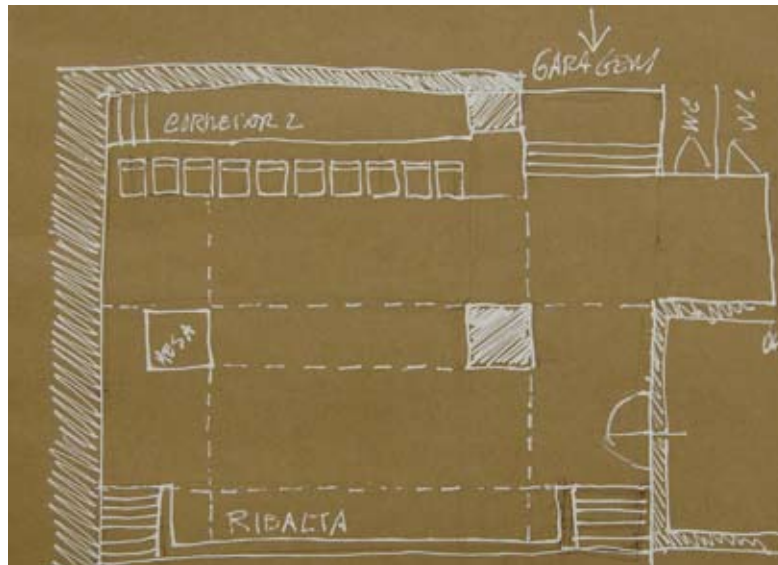
*Jovem senhora, descontraia então  
E desfrute da nossa representação*

Truta

© Henrique Figueiredo



© Marta Carreiras



## O Espaço

O trabalho da cenografia enquanto dramaturgia em movimento existe sempre para além do desenho das formas físicas, a sua presença é sentida muitas vezes pela ausência da concretização do palpável. Assim como o actor se metamorfoseia em várias formas de ser, à vista do público, sem que os mecanismos da transformação sejam apreendidos pelo observador, também o espaço deve ser uma massa moldável a cada momento que o público não pode tomar como garantido, devendo sentir-se transportado sem perceber como. Autores como Brecht projectam e transformam ambientes através do desenho de personagens, cuja presença em palco muitas vezes só se justifica para que a

tonalidade dramática da cena seja clara. Na peça *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, o espaço dos gangsters é aquele que eles vão ocupando. Trata-se de uma ocupação gradual, que vai acontecendo aos poucos, tal como na história que vai sendo contada. A simples presença do grupo marca o seu território, até ao final quando eles tomam o centro da cena e dominam todo o espaço. O facto de não ter contornos físicos permite que o espaço se vá transformando de uma forma orgânica sem que o público tome consciência disso. As ligações surgem invisíveis e o espaço torna-se personagem que aparece na contracena com os actores.

Marta Carreiras

---

## O Autor

---

Bertolt Brecht nasceu em Augsburg em 19 de Fevereiro de 1898 e morreu em Berlim a 14 de Agosto de 1956. Atingiu a maturidade como dramaturgo nos frenéticos anos 20 e 30, com peças como *Um Homem é um Homem*, *A Ópera dos Três Vinténs* e *A Mãe*. Abandonou a Alemanha com a chegada ao poder de Hitler em 1933, acabando por chegar aos Estados Unidos, depois de passar pela Suécia e pela Finlândia, em 1941 (e aí ficaria até 1947). Foi neste período de exílio que escreveu obras-primas como *Vida de Galileu*, *Mãe Coragem e O Círculo de Giz Caucásiano*. Pouco depois do seu regresso à Europa, em 1947, fundou o Berliner Ensemble, ocupando-se desde então até à sua morte com a encenação das suas peças.

© Henrique Figueiredo



---

## O Texto

---

*Der aufhaltsame Aufstieg des Arturo Ui*, uma história de gangsters em estilo shakespeariano que é uma parábola da ascensão de Hitler ao poder, foi escrita durante três semanas de 1941, em Helsínquia, enquanto Brecht esperava um visto para viajar até aos EUA. Há um conto inacabado dos anos trinta sobre Hitler, chamado *Ui*, e situado na Pádua do período clássico. Juntamente com os filmes de gangsters com Bogart, Cagney e Edward G. Robinson, a existência de *O Grande Ditador* de Chaplin (1940) terá influenciado a escrita do texto, embora seja improvável que Brecht tenha chegado de facto a vê-lo nessa altura. Trata-se também de um regresso (o último) ao território americano que Brecht tinha explorado em várias peças

anteriores (a começar pela *Chicago de Na Selva das Cidades*). A 10 de Março esboçou um plano para dez ou onze cenas; em 29 de Março o dactiloscrito estava acabado; depois, Margarete Steffin levou-o a afinar o verso branco nos quinze dias seguintes. A peça estava pronta um mês antes da partida do Brecht para os Estados Unidos.

Brecht tinha pensado estrear *Arturo Ui* nos EUA e deram-se passos nesse sentido, mas sem resultado. Depois da guerra, o assunto era demasiado sensível para que a peça fosse encenada por outro que não Brecht. E com a criação do Berliner Ensemble em 1949, havia outros textos prioritários. Brecht só terá mostrado o texto a alguns colaboradores em 1953, depois dos motins em Berlim esmagados por tanques russos, mas acreditava que era preciso montar primeiro *Terror e Miséria do Terceiro Reich*, para que se percebesse aquilo com que se gozava em *Arturo Ui*.

Começou a preparar a publicação, que só aconteceria depois da sua morte, em 1957. A peça estreou em 1958, em Estugarda (na Alemanha Ocidental), com encenação de Peter Palitzsch. Quatro meses mais tarde, Palitzsch e Manfred Wekwerth montariam o texto no Berliner Ensemble. O espectáculo fez digressão pela Europa e a peça ficou famosa. Nos anos seguintes o papel foi representado por actores como Jean Vilar ou Al Pacino.

Em Portugal, foi apresentada em 1997, no CCB, a encenação de Heiner Müller para o Berliner Ensemble, com Martin Wuttke no protagonista. A estreia em português foi produzida pela Academia Contemporânea do Espectáculo/Teatro do Bolhão em 2003, com tradução de Paula Alexandra Carvalho, encenação

de Kuniaki Ida e António Capelo no protagonista.

A tradução de José Maria Vieira Mendes utilizada para este espectáculo da Truta será publicada pelos livros Cotovia no sexto volume do *Teatro* de Brecht.

---

## Textos de Brecht

---

### Conselhos para o espectáculo

Para que os acontecimentos nesta peça tenham o significado que infelizmente lhes pertence, tem de ser encenada em *grande estilo*; de preferência com referências claras ao teatro histórico isabelino, portanto com cortinas e estrados. A acção poderá por exemplo desenrolar-se à frente de cortinas de serapilheira branqueada, salpicadas com cor sangue de boi. Também se podem utilizar telões pintados como panoramas e também se adequam efeitos de órgão, trompetes ou percussão. Deviam usar-se máscaras, sotaques e gestos dos modelos originais, mas evite-se o simples travestimento e não deverá existir comicidade sem monstruosidade. É necessária uma representação tridimensional, em velocidade acelerada, com quadros de grupo bem nítidos, ao gosto do teatro de feira.

---

### Personagens

**Flake, Caruther, Butcher, Mulberry, Clark** – homens de negócios, directores do Trust da Couve-flor  
**Sheet**, armador  
O velho **Dogsborough**  
**O Jovem Dogsborough**  
**Arturo Ui**, chefe dos gangsters  
**Ernesto Roma**, o seu lugar-tenente

## Manuele Giri

**Giuseppe Givola**, florista – gangster

**Ted Ragg**, repórter do *Star*

**Greenwool**, gangster e barítono

**Dockdaisy**

**Bowl**, procurador de Sheet

**Goodwill** e **Gaffles**, dois funcionários municipais

**O'Casey**, encarregado da comissão de inquérito

**Um Actor**

**Hook**, comerciante de hortaliças

**Fish**, o arguido

**Advogado de Defesa**

**Juiz**

**Médico**

**Promotor**

**Uma Mulher**

O jovem **Inna**, homem de confiança de Roma

**Um Homem Pequeno**

**Ignatius Dullfeet**

**Betty Dullfeet**, a sua esposa

**Criados** de Dogsborough

**Guarda-costas**

**Homens Armados**

**Comerciantes de Hortaliças de Chicago** e **Cícero**

**Repórteres**

Dogsborough = Hindenburg

Arturo Ui = Hitler

Giri = Göring

Roma = Röhm

Givola = Goebbels

Dullfeet = Dollfuss

Trust da couve-flor = Junkers (ou proprietários do leste da Prússia)

Comerciantes de hortaliça = pequena burguesia

Gangsters = Fascistas

Escândalo nas docas = Escândalo da *Osthilfe* (ajuda ao leste)

Julgamento pelo incêndio no armazém =

Julgamento pelo fogo no Reichstag

Chicago = Alemanha

Cícero = Áustria

## Letreiros para o início de cada cena

---

### Cena 1

1929-1932. A CRISE MUNDIAL ATINGIU A ALEMANHA DE UM MODO PARTICULARMENTE FORTE. NO MOMENTO MAIS GRAVE DA CRISE, OS JUNKERS PRUSSIANOS TENTARAM OBTER EMPRÉSTIMOS DO ESTADO MAS DURANTE MUITO TEMPO SEM SUCESSO.

### Cena 2

PARA QUE O PRESIDENTE DO REICH, HINDENBURG, SE INTERESSASSE PELOS PROBLEMAS DOS PROPRIETÁRIOS, ESTES PRESENTEARAM-NO COM UMA PROPRIEDADE.

### Cena 3

NO OUTONO DE 1932, O PARTIDO E O EXÉRCITO PRIVADO DE ADOLF HITLER ESTÃO À BEIRA DA FALÊNCIA E ACHAM-SE AMEAÇADOS DE DISSOLUÇÃO. HITLER ESFORÇA-SE DESESPERADAMENTE POR CONQUISTAR O PODER. MAS, APESAR DISSO, LEVA MUITO TEMPO ATÉ CONSEGUIR FALAR COM HINDENBURG.

### Cena 4

EM JANEIRO DE 1933, O PRESIDENTE DO REICH, HINDENBURG, RECUSOU A HITLER POR VÁRIAS VEZES O POSTO DE CHANCELER. SENTIA-SE PORÉM AMEAÇADO POR UM INQUÉRITO ABERTO A PROPÓSITO DO

CHAMADO ESCÂNDALO DE AJUDA AO LESTE. TAMBÉM TINHA, DEPOIS DE NEUDECK LHE TER SIDO OFERECIDO, APROVEITADO UNS DINHEIROS DO ESTADO QUE ACABOU POR NÃO UTILIZAR PARA OS FINS A QUE ERAM DESTINADOS.

### Cena 5

HINDENBURG ENTREGOU O PODER A HITLER, A 30 DE JANEIRO DE 1933, QUANDO O CHANCELER DO REICH, O GENERAL SCHLEICHER, AMEAÇOU DENUNCIAR A FRAUDE DOS DINHEIROS DE AJUDA AO LESTE E O DESVIO DE IMPOSTOS. O INQUÉRITO NUNCA SE CHEGOU A REALIZAR.

### Cena 6

DIZ-SE QUE HITLER RECEBEU AULAS DE DECLAMAÇÃO E DE POSTURA DO ACTOR DE PROVÍNCIA BASIL.

### Cena 7

EM FEVEREIRO DE 1933 ARDEU O EDIFÍCIO DO REICHSTAG. HITLER ACUSOU OS SEUS INIMIGOS DE FOGO POSTO E DEU UM SINAL DAQUILO QUE SERIA A NOITE DAS FACAS LONGAS.<sup>1</sup>

---

1. A Noite das facas longas (em alemão *Nacht der langen Messer*), decorreu na madrugada de 29 para 30 de Junho de 1934, quando Hitler procedeu à eliminação das Sturmabteilung (SA), a "Secção de Assalto", organização paramilitar nazi, e do seu chefe Ernst Röhm. Por volta das quatro da manhã do dia 30 de Junho de 1934, Hitler dirigiu-se, acompanhado de guardas SS (Schutzstaffel, as "Tropas de Protecção"), ao quarto de hotel onde Röhm estava hospedado, prendendo-o. Dois dias depois, Röhm foi morto por dois guardas SS, após ter recusado uma pistola para se suicidar. Além dele, pelo menos outros 70 oficiais das SA terão sido executados naquele fim-de-semana. A expressão "Noite das facas longas" tem origem num verso de uma canção das SA.

### Cena 8

NO GRANDE PROCESSO DO INCÊNDIO DO REICHSTAG, O TRIBUNAL DE LEIPZIG CONDENOU À MORTE UM DESEMPREGADO SOB O EFEITO DE DROGAS. OS INCENDIÁRIOS ESCAPARAM EM LIBERDADE.

### Cena 10

A MORTE EMINENTE DO VELHO HINDENBURG DESENCADEIA LUTAS ACESAS ENTRE OS NAZIS. CÍRCULOS COM FORTE INFLUÊNCIA EXIGIAM O AFASTAMENTO DE ERNST RÖHM. A OCUPAÇÃO DA ÁUSTRIA ESTAVA JÁ NO HORIZONTE.

### Cena 11

NA NOITE DE 23 DE JUNHO DE 1934, HITLER ATACOU O SEU AMIGO RÖHM NUMA ESTALAGEM ONDE ESTE O ESPERAVA PARA DAREM INÍCIO A UM GOLPE CONTRA HINDENBURG E GÖRING.

### Cena 12

OBEDECENDO A HITLER, O CHANCELER AUSTRÍACO, ENGELBERT DOLLFUSS, CONSENTIU, NO ANO DE 1934, EM CALAR OS ATAQUES QUE ERAM FEITOS À ALEMANHA NAZI NA IMPRENSA AUSTRÍACA.

### Cena 13

A OCUPAÇÃO DA ÁUSTRIA FOI PRECEDIDA PELO ASSASSINATO DE ENGELBERT DOLLFUSS, O CHANCELER AUSTRÍACO. OS NAZIS COMEÇARAM ENTÃO A NEGOCIAR INCANSAVELMENTE COM OS CÍRCULOS DE DIREITA AUSTRÍACOS.

## Cena 14

O CAMINHO PARA AS INVASÕES ESTAVA ABERTO. DEPOIS DA ÁUSTRIA, SEGUIU-SE A CHECOSLOVÁQUIA, A POLÓNIA, A DINAMARCA, A NORUEGA, A HOLANDA, A BÉLGICA, A FRANÇA, A ROMÉNIA, A BULGÁRIA E A GRÉCIA.

## Notas

### 1. Prefácio

*A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, escrita na Finlândia em 1941, representa uma tentativa para tornar a ascensão de Hitler inteligível ao mundo capitalista, transpondo essa ascensão para uma esfera que lhe é perfeitamente familiar. O verso branco ajuda a apreciar o heroísmo das personagens.

### 2. Comentários

Hoje em dia ridicularizar os grandes criminosos políticos, vivos ou mortos, é normalmente considerado desaproariado e não construtivo. Diz-se que até a gente comum é sensível neste aspecto, não só porque também eles estavam implicados nos crimes em questão mas porque aqueles que sobreviveram entre as ruínas não conseguem rir destas coisas. Também não serve de muito esmurrar portas abertas (e já há muitas assim entre as ruínas): aprendeu--se a lição, porquê então continuar a martelá-la às pobres criaturas? Se por outro lado não se aprendeu a lição, é arriscado encorajar um povo a rir-se de um potentado depois de já ter por uma vez fracassado quando se tratava de o levar suficientemente a sério; e por aí adiante.

É relativamente fácil afastar a sugestão de que a arte tem de tratar a brutalidade com pinças; que se deve



dedicar a regar as frágeis sementes da consciência; que devia ensinar a usar a mangueira de jardim aos que antes seguravam em bastões de borracha, etc. Também é possível objectar ao termo "povo", usado para significar algo "mais elevado" do que a população, e mostrar como remete para o conceito de má memória de *Volksgemeinschaft*, ou "a sensação de ser um povo", que une carasco e vítima, patrão e empregado. Mas isto não quer dizer que seja aceitável a sugestão de que a sátira não se deve intrometer em assuntos sérios. As coisas sérias são a sua preocupação específica.

Os grandes criminosos políticos devem ser completamente desmascarados e expostos ao ridículo. Porque não são nada grandes criminosos políticos, mas autores de grandes crimes políticos, o que é algo de muito diferente.

Não há razão para ter medo de

truímos desde que sejam verdade. Se o colapso dos empreendimentos de Hitler não é prova de que era estúpido, a sua escala também não é garantia de que fosse um grande homem. No geral, as classes que controlam o estado moderno servem-se de pessoas tremendamente medianas para os seus empreendimentos. Nem sequer no importantíssimo campo da exploração económica é necessário algum talento especial. Um *trust* de milhões de marcos como o I. G. Farben serve-se da inteligência excepcional apenas quando a pode explorar; os exploradores propriamente ditos, uma mão-cheia de pessoas que na sua maioria chegaram ao poder devido ao berço, têm uma certa astúcia e brutalidade enquanto grupo mas não vêem inconvenientes comerciais na falta de educação, nem sequer na presença entre eles do ocasional indivíduo amável. Têm a tratar-lhes dos assuntos políticos pessoas muitas vezes marcadamente mais estúpidas do que eles. (...) É a amplitude dos seus empreendimentos que dá a tais pessoas a sua aura de grandeza. Mas esta aura não os torna por isso mais eficazes, já que significa apenas que há uma vasta quantidade de pessoas inteligentes disponíveis, com o resultado de que as guerras e as crises se tornam exhibições da inteligência da população inteira.

Para além disto é um facto que o crime em si provoca frequentemente admiração. Nunca ouvi a pequena burguesia da minha cidade-natal de outro modo que não com um entusiasmo respeitoso sobre um homem chamado Kneisel, que era um assassino em série, de tal modo que ainda hoje me lembro do seu nome. (...)

É esta reverência por assassinos que tem de ser afastada. A simples lógica quotidiana nunca se deve deixar embasbacar assim que se põe a passear pelos séculos; aquilo que se aplica às pequenas situações deve também aplicar-se às grandes. O pequeno velhaco a quem os governantes permitem que se torne um velhaco em grande escala pode ocupar uma posição especial na velhacaria, mas não na nossa atitude face à história. Enfim, há verdade no princípio de que a comédia é menos susceptível que a tragédia de omitir levar suficientemente a sério o sofrimento humano.

## Epílogo

Por isso aprendam a ver e não a fitar. Aprendam a agir e não falar, só falar. Por um destes foi quase o mundo conquistado! Mas os povos reagiram, foi controlado. Não se julguem porém livres do perigo - lnda dá frutos a cova deste inimigo!

---

## A Companhia

---

Truta é nome de peixe. Não quer dizer mais. *Truta* é também o nome de uma peça de Schubert (um quinteto de cordas), que os membros de uma trupe de circo tinham por força de ensaiar. Este é o tema do texto que escolhemos para lançar este grupo em 2003: *A Força do Hábito*, de Thomas Bernhard. Apenas uma imagem.

Truta é o nome desta associação. A Associação Cultural Truta nasceu em 2003, por iniciativa de um grupo de jovens criadores, profissionais das artes do espectáculo, que desejam explorar vários discursos e linguagens artísticas de acordo com as vontades e ansiedades das pessoas que formam cada projecto, numa constante evolução e adaptação às questões dos dias de hoje.

Tendo como base uma forte formação nas áreas do teatro, dança e artes plásticas, procuramos ser um grupo de trabalho activista que preserve as múltiplas individualidades e se mantenha aberto ao exterior. Neste sentido trabalhamos desde o início com diferentes artistas, num desejo de troca de experiências e saberes. O estabelecimento de parcerias tem sido fundamental para a concretização dos nossos projectos de forma eficaz e enriquecedora. O *encontro* é um conceito importante. Consideramos a troca de ideias, afectos e preocupações imprescindível na criação dos espectáculos que queremos apresentar ao público. Um teatro mais humano, por negação à coisa, ao produto, à fábrica.

Na área do teatro, temos optado por trabalhar partindo de bases bastante distintas. Interessa-nos o trabalho de

dissecção dramática associado a textos de grandes autores pouco representados em Portugal (como no caso de Bernhard ou Auster), mas por outro lado interessa-nos também um teatro documental como reacção/atenção a uma sociedade contemporânea na qual estamos inseridos e na qual somos por opção intervenientes. Neste sentido, procuramos recuperar neste projecto algumas das questões lançadas em trabalhos que nos uniram pontualmente no passado, antes mesmo da formação da associação.

---

### Criações Truta

#### Teatro

*A Força do Hábito* de Thomas Bernhard (2003)  
*Da Mão para Boca* de Paul Auster (2005)  
*Da Felicidade* (2006)  
*EN2 / PT 2008* (2008)  
*Boa Noite Veja TV Connosco* (2008, em conjunto com Mundo Perfeito)

#### Dança

*Notes of a Kaspar* de Marlene Freitas (2004)  
*A Primeira Impressão* de Marlene Freitas (2005)

#### Desenvolvimento de acções de formação do público infantil, do domínio da arte contemporânea e da promoção da leitura e do livro

*A Biblioteca Sensível* (2003-06)  
*O Canteiro das Memórias* (2003)  
*O Jardim da Aurora* (2004)  
*Projecto de Dança Contemporânea - Cova da Moura* (2005-06)  
*Diário do Sr. Lepidóptero* (2006)



---

## Biografias

---

### Carlos Alves

Nasceu em 1978. Fez o bacharelato na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC). Foi no Teatro Praga que de 1998 até 2006 desenvolveu a maior parte da sua actividade teatral enquanto actor, criador e co-criador. Paralelamente, leccionou a disciplina de Expressão Dramática e monitorizou Oficinas de Teatro para seniores. Actualmente, e à semelhança da maioria das pessoas da sua geração, trabalha num *call center*, actividade que partilha com o estudo da astrologia numa dimensão humanista e transpessoal, e com uma reduzida actividade teatral.

### Daniel Worm d'Assumpção

Nasceu em 1964. Desenhador de Luz independente firmado em Lisboa, iniciou a sua carreira profissional de técnico de luz em 1984 trabalhando em instituições como Ballet Gulbenkian, ACARTE, Teatro Nacional S. João (Porto) e Teatro Camões – Expo98. Desde 1987 que com os seu trabalho de iluminação colabora com encenadores, coreógrafos e compositores como Constança Capdeville, João Natividade, Clara Andermatt, Margarida Bettencourt, Aldara Bizarro, Rui Lopes Graça, Duarte Barrilaro Ruas, Ricardo Pais, Giorgio Barberio Corsetti, Christine Laurent, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Francisco Camacho, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Carlos Pimenta, Paula Diogo, Joaquim Horta, Tim Carroll, entre outros. Actualmente é colaborador regular do Teatro da Cornucópia, do Teatro Praga e da Truta.

### Duarte Guimarães

Nasceu em 1978. Iniciou a sua actividade teatral em 1994 com aulas de teatro em Benfica leccionadas por António Feio, que estiveram na origem do grupo Pano de Ferro, do qual foi fundador. Tem o curso da ESTC. Em 1997, começou uma colaboração com o Teatro da Cornucópia que se mantém até hoje, ao longo de vários espectáculos encenados por Luis Miguel Cintra (*Os Sete Infantes de Lara, Um Sonho, Casamento de Figaro, Amor/Enganos, Cimbélino, O Novo Menozza, Tito Andrónico, Anatomia Tito Fall of Rome, Filodemo, A Família Schroffenstein, Esopaida, Um Homem é um Homem, Sangue no Pescoço do Gato, A Gaivota, Filoctetes, A Floresta e Don Carlos*), Christine Laurent (*O Lírio*), Brigitte Jaques (*Sertório*) e Carlos Aladro (*O Construtor Solness*). Participou ainda no espectáculo *César Anticristo* (enc. Ricardo Aibéo) e no espectáculo infantil *A Aventura de Ulisses* (enc. António Feio). Em cinema, participou em *Capitães de Abril* de Maria de Medeiros, na curta-metragem *Primavera* de João Tuna e ainda em curtas-metragens realizadas pelos alunos da ESTC. Em televisão, participou em séries nacionais como *Riscos, Diário de Maria, Bairro da Fonte, Pedro e Inês, Casos da Vida*, na novela *Tu e Eu* e na série francesa *Brigad*. Trabalhou também com a Globo na telenovela *Sabor da Paixão*.

### Gonçalo Amorim

Nasceu em 1976. Frequentou o curso de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa, e é licenciado pela ESTC em teatro no ramo de Formação de Actores e Encenadores. É cooperante e actor do

Teatro O Bando desde 1999, com quem já fez vários espectáculos, tal como com o Útero e os Primeiros Sintomas, dos quais também é membro. Trabalhou ainda com a Companhia Olga Roriz, Cão Solteiro, Artistas Unidos e Teatro da Cornucópia. No teatro e na dança já fez espectáculos de Ana Nave, Bruno Bravo, João Brites, Madalena Victorino, Mathias Poppe, Miguel Moreira, Nuno Carinhas, Olga Roriz e Ricardo Aibéo. Em Cinema já trabalhou com Edgar Feldman, Raquel Freire e José Filipe Costa. Encenou *Gurugu* a partir do canto IX da *Odisseia, Padaria Esperança* (a partir de Contos Ciganos), *Falta* (a partir de Sarah Kane e Martin Crimp) e *Foder e Ir às Compras* de Mark Ravenhill (Prémio da Crítica 2007). Desde 1997 trabalha como formador no grupo de teatro do Instituto Superior Técnico. Em 2006 foi professor convidado da ESMAE.

### Joaquim Horta

Nasceu em 1974. Frequentou Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa. É finalista do curso de formação de actores/encenadores na ESTC. Fez parte do Grupo de Teatro de Letras (dir. Ávila Costa). Trabalhou com os encenadores Ricardo Carísio, Ruy Otero, Miguel Romeira, Jorge Silva Melo, Pedro Carraca, André Murraças, Lúcia Sigalho, João Mota, Carlos Pessoa, João Brites e Álvaro Correia. Criou espectáculos com João Meireles (*Mikado*) e Pedro Lacerda (*Ninguém Te Ouve Gritar*), dirigiu *Ruído e Tudo o que é Sólido Dissolve-se no Ar* e participou em criações da Suburbe, do Teatro Praga e do Mundo Perfeito. Trabalhou com o Tof Théâtre, o Très Tôt Théâtre e a Companhia Nacional de Bailado. Com

a Truta, fez *A Força do Hábito, Da Mão para a Boca, Da Felicidade e Boa Noite Veja TV Connosco*. Participou nos telefilmes *Cavaleiros De Água Doce* de Tiago Guedes e *Por Acaso* de Rita Nunes; nos filmes *António, Um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo, *Mouth To Mouth* de Alison Murray e na curta-metragem *O Outro Lado do Arco-Íris* de Gonçalo Galvão Teles. Participou nas séries televisivas *Riscos, O Espírito da Lei, Zapping, Sociedade Anónima* e *Amici Per La Pelle* e nas novelas *Amanhecer, Saber Amar, Queridas Feras* e *Ninguém como Tu*.

### José Maria Vieira Mendes

Nasceu em 1976. Escreveu as peças *Dois Homens, Morrer, Crime e Castigo, Lá ao Fundo o Rio, Chão, Tl, Se o Mundo Não Fosse Assim, A Minha Mulher, O Aparento ou a última festa, Onde Vamos Morar* e algumas peças curtas. Encenou *História de Amor (Últimos Capítulos)* de Jean-Luc Lagarde. Traduziu Beckett, Duncan McLean, Fosse, Pinter, Müller e Brecht (é um dos responsáveis pela edição do *Teatro* deste autor na Cotovia). Integra o Teatro Praga.

### Marta Carreiras

Nasceu em 1975, em Lisboa. Tem uma licenciatura em Design de Cena, pela ESTC, e uma pós-graduação em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Frequentou um Workshop sobre cenografia, ministrado por Jean-Guy Lecat (cenógrafo de Peter Brook). Estreou-se profissionalmente em 1997 com o espectáculo *Calisto, história de um personagem*, pelo Teatro Meridional, companhia com a qual trabalha regularmente desde essa data. Já trabalhou com criadores como Natália

Luiza, Ana Nave, Cristina Carvalho, Carlos do Rosário, Miguel Seabra, Pedro Sena Nunes e Nuno Pinto Custódio. Actualmente lecciona as disciplinas de Design de Cena e Figurinos na Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa.

### **Paula Diogo**

Nasceu em 1977. Fez o bacharelato na ESTC, frequentou o curso de LLM da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi co-fundadora do colectivo Teatro Praga em 1995 e da Produtora Pato Profissional Lda em 2003. Desenvolveu um trabalho regular nas duas estruturas como criadora e produtora até 2008. Trabalhou até à data com os seguintes criadores e companhias: Antonio Catalano (Casa degli Alfieri), Madalena Victorino, Nuno Carinhas, Rogério de Carvalho, Lúcia Sigalho, Letizia Quintavalla e Flavia Armenzoni (Teatro delle Briciolle), Antonio Latella (Projecto Thierry Salmon), Assédio, Teatro Meridional, Teatro da Garagem, Artistas Unidos, Truta, Cão Solteiro e Alexander Kelly (Third Angel). Em 2004 foi distinguida pelo Clube Português de Artes e Ideias com o Prémio Teatro na Década (Melhor atriz) pelo desempenho no espectáculo *Private Lives* do Teatro Praga. Como bolseira do Centro Nacional de Cultura assiste ao processo criativo do grupo Gob Squad na criação de *Kitchen, you never had it so good* em Berlim. Participou no COLINA, em Aarhus. Continua a trabalhar em projectos de colaboração na área da performance em Portugal, França e Itália.

### **Pedro Martinez**

Nasceu em 1969. Frequentou Sociologia. Tem o curso de formação de Actores da ESTC. Frequenta o Mestrado em Psicologia no ISPA. Trabalhou com os encenadores Carlos Avilez, Ricardo Pais, João Mota, Luis Miguel Cintra, Ruy de Mattos, Antonino Solmer, José Peixoto, João Grosso, Mário Jacques, Ana Nave, Francisco Salgado, Nuno Carinhas, Paula Massano, Christine Laurent, Manuel Coelho, Alexandre L. Leite, Bruno Cochat, Pedro Penim, Jorge Andrade, Marcos Barbosa e Miguel Seabra. Fez textos de Wilde, Padre António Vieira, Gil Vicente, Luísa Costa Gomes, Shakespeare, Ibsen, Brecht, Tchékhev, Camus, Friel, Bond, Nigel Williams, Albee, Mário de Carvalho, Carlos Coutinho, Alexandre L. Leite, Mário Botequilha, Molnár, Shaffer, Maria Velho da Costa, Maria Clara Machado, Ghelderode, Turguénev, Cesario e José Tolentino Mendonça, entre outros. Foi assistente de encenação de Christine Laurent (Teatro da Cornucópia) e de Ricardo Pais (TNSJ).

### **Raul Oliveira**

Nasceu em 1974. Licenciatura em Teatro, ramo de Formação de Actores e Encenadores, na ESTC. Licenciado em Sociologia. Lecciona a Disciplina de Teatro no Colégio Guadalupe (Verdizela). Membro fundador do GATO S.A., participou em diversos espectáculos sob a direcção de Mário Primo. Na companhia Os Sátyros (dir. Rodolfo Garcia Vasquez) participou em *Hamlet Machine* de Müller e *Woyzeck* de Büchner. Trabalhou ainda com os encenadores Luís Cruz, Ricardo Moura, Tiago Rodrigues, Joaquim Horta, Madalena

Victorino, Paula Diogo, Diogo Dória, João Mota, Antonio Catalano (Casa degli Alfieri), Letizia Quintavalla (Teatro delle Briciolle), Pherraille (Le Phun). É co-fundador da Truta, na qual participa como criador/actor em *Biblioteca Sensível Itinerante, A Força do Hábito, O Diário do Senhor Lepidóptero, Da Mão Para a Boca e Da Felicidade*. Tem desenvolvido actividade de formador em Teatro e de monitor em actividades pedagógicas: *Canteiro das Memórias e Jardim da Aurora*. Participou no telefilme 8.8 de Edgar Pêra e na série *Amici per la pelle* de Fabrizio Costa. Participou ainda em curtas-metragens de Lisa Person, Nuno Chaby, Miguel Ángel Vilas e Hugo Cardoso. Teve participações pontuais em telenovelas como *Último Beijo, Saber Amar, Queridas Feras, A Doce Fugitiva*. Participou na mini-série *Um Mundo Catita* (inédito) de Filipe Melo e João Leitão. Em 2008 participa na série de Verão de *Morangos Com Açúcar* e em *Liberdade 21* (inédito).

### **Rúben Tiago**

Nasceu em 1979. Em 1995, fundou as Ideias do Levante, Lagoa, onde trabalhou com os encenadores Figueira Cid e Jorge Soares. Fez a licenciatura em Teatro, ramo de actores e encenadores, da ESTC. Fez o curso de Encenação de Teatro no Programa de Criatividade e Criação Artística da Gulbenkian com a colaboração de Third Angel e o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica. Encenou *Depois de Julieta* de Sharmar Macdonald para o Teatro Mosca. Fundou a Associação Cultural Truta, na qual participou nos seguintes projectos enquanto actor/criador: *Biblioteca Sensível Itinerante, A Força do Hábito,*

*Da Mão para a Boca, O Diário do Sr. Lepidóptero, Da Felicidade e EN2 / PT 2008*. Colaborou ainda com o Teatro Praga em *Diotima* de Paula Diogo, com o Projecto Teatral em *Notas sobre o Deserto* e no Centro de Pedagogia e Animação do CCB, nos *Pavilhões das Maravilhas e Universos Sensíveis*, com Antonio Catalano, e com Patrick Murys/Ócios e Ofícios, em *Retratos de Família*.

### **Sílvia D. Filipe**

Concluiu o curso de Formação de Actores da ESTC e o Curso Geral de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional. Tem trabalhado em televisão, cinema, teatro e em inúmeras produções musicais. Participou no *Grupo Vocal Tritono* e no *Grupo Vocal Officium*. Realizou dois espectáculos com o cantor Vitorino Salomé e integrou o projecto *Novas Marchas de Lisboa* no Teatro São Luiz. Fez participações especiais no CD de Vitorino *Ninguém nos ganha aos matraquilhos* e de Jorge Vadío *Anjos da noite*. Participou na banda sonora de *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, com dramaturgia e encenação de João Brites, gravada com a Orquestra Nacional do Porto, sob direcção do maestro Jorge Salgueiro. Participa no projecto de música pop de Jorge Vadío. Em ópera destacou-se *A Flauta Mágica* (Mozart), *Ópera do Falhado* (JP Simões/Sérgio Costa), *Riders to the Sea* (Williams), *The Beggar's Opera* (Gay/Britten), *A Ópera de 3 Vinténs* (Brecht/Weill), *Os Sonhos de Einstein* (Joshua Rosenblum, Joanne Sidney Lessner), *Pollicino* (Henze) e *Metanoite* (João Madureira). Nesses espectáculos, apresentados no Teatro Rivoli, teatro

Aberto, Culturgest e Fundação Calouste Gulbenkian, trabalhou com os encenadores Jorge Listopad, João Paulo Costa, André Teodósio, João Lourenço, Claudio Hochmann e Eugénio Sena e os maestros Sérgio Costa, João Paulo Santos e Cesário Costa. Integrou entre 1994 e 2002 o elenco do Teatro da Garagem. Tem trabalhado como actriz com os encenadores Jorge Silva Melo, Jorge Listopad, João Brites, José Peixoto, João Paulo Costa, Diogo Dória, Elsa Bruxelas, Sara Duarte e Antónia Terrinha, em espectáculos de O Bando, Teatro dos Aloés, Teatro do Bolhão, Teatro Chaby Pinheiro e Artistas Unidos.

### Tónan Quito

Nasceu em 1976. Concluiu a licenciatura de Formação de actores/encenadores da ESTC. Começou o seu percurso como actor com o Quarto Período - O do Prazer, tendo sido dirigido por António Fonseca. Estreou-se profissionalmente no Teatro da Cornucópia, dirigido por Luís Miguel Cintra e onde trabalhou também com Christine Laurent. Trabalhou ainda com António Pires, Luís Assis, Lúcia Sigalho, Joaquim Horta, Paula Diogo, Carlos J. Pessoa, Nuno Cardoso, Nuno M. Cardoso, António Catalano, João Mota, Tiago Rodrigues, Jorge Andrade, Patrícia Portela e Fernando Gomes. Participou nas criações colectivas: *César* (O Meu Joelho), *Da Mão para a Boca* e *Da Felicidade* (Truta) e *Duas Metades e Estúdios-Festa* (Mundo Perfeito). Em cinema trabalhou com Miguel Ángel Vilas, Inês Oliveira, Jorge Silva Melo, Filipe Melo e Joaquim Leitão. Em 2003 co-fundou a Truta - Associação Cultural.

## Próximos espectáculos

© Isabel Pinto

# Mudar de Vida - 2

## Um espectáculo de José Mário Branco

### Convidados: Gaiteiros de Lisboa



**Música** Qui 30, Sex 31 de Outubro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M12

**Voz, guitarra** José Mário Branco

**Guitarra** José Peixoto **Contra baixo** Carlos Bica

**Percussão** Rui Júnior **Piano, teclados** Filipe Raposo

**Sopros** Guto Lucena **1º Violino** Luís Morais

**2º Violino** Jorge Vinhas **Viola** Joana Moser

**Violoncelo** João Pires **Concepção e direcção musical** José

Mário Branco **Guião** José Mário Branco e

Manuela de Freitas **Foto** Isabel Pinto

Convidado pela Culturgest para criar um espectáculo único e específico para o Grande Auditório, José Mário Branco fará aquilo que sempre fez nos seus álbuns e espectáculos: uma referência – como alguém escreveu, sempre autobiográfica – ao estado em que, no seu sentir, se encontra a sociedade de que faz parte. Tomando como base o mais recente repertório, José Mário Branco decidiu optar por um formato "em tripé" para os músicos que o acompanharão em palco. Primeiro, um conjunto de músicos, todos eles excelentes intérpretes-compositores que o têm acompanhado nos últimos anos nos momentos cruciais: José Peixoto, Carlos Bica, Rui

Júnior, Filipe Raposo ou Guto Lucena, instrumentistas de excepção. Segundo, como no seu álbum mais recente *Resistir É Vencer* (2004), a presença de um quarteto de cordas (liderado pelo jovem Luís Morais, concertino e professor em Viena) irá reforçar o pendor introspectivo que sempre existe quando José Mário Branco nos fala do mundo e da vida. E, terceiro, os convidados muito especiais deste espectáculo: os Gaiteiros de Lisboa (grupo de que José Mário Branco fez parte na sua primeira fase) irão garantir duas componentes sempre presentes na sua música, as partes corais e as percussões. Este conjunto de músicos permitirá apresentar em Lisboa (pela primeira vez, e talvez única) a canção-*rap-fleuve* *Mudar de Vida*, escrita para o concerto de Abril de 2007 na Casa da Música, no Porto. Por isso este concerto se chama *Mudar de Vida - 2*.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonelha

##### Vice-presidente

Miguel Lobo Antunes

##### Administradora

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Inês Freitas estagiária

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

#### Serviços Administrativos

#### e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

#### Direção Técnica

Eugénio Sena

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

#### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

#### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção de Arte

#### da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---